

*Paisagens identitárias - geografia das coisas e emoções, em Eliete, a Vida Normal, Parte I,*  
Dulce Maria Cardoso

Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano<sup>1</sup>

## Introdução

O livro *Eliete, a Vida Normal, Parte I*, de Dulce Maria Cardoso poderia ser lido como romance sobre o adultério de uma mulher perdida em fantasias, estilo Emma Bovary<sup>2</sup>, ou então como romance de uma personagem com contradições e ambiguidades, dilemas e desafios tão comuns que facilmente seus leitores se identificariam com ela. *Eliete, a Vida Normal, Parte I*<sup>3</sup>, não é só isso. A protagonista, uma mulher madura, casada há vinte anos, narra sua história pelas memórias entrecortadas com pensamentos, ideias e diálogos com outras mulheres e homens. Acompanhamos suas aventuras e descobertas, tensões e tédios no encontro de tempos com sua avó, mãe e duas filhas.

O pano de fundo da ficção é o da história de Portugal, país europeu periférico com contradições, arcaico e moderno, nos séculos XX e XXI. A solidão e a incomunicabilidade da protagonista Eliete, assim como a alternativa de adultério diante da monotonia e do tédio do seu casamento de mais de vinte anos, associado à busca de identidade da mulher portuguesa, na sociedade patriarcal do século XX, marcada pela ditadura do Estado Novo de Salazar (1933-1974) são alguns dos dilemas apresentados.

A vida privada constitui o testemunho de um tempo coletivo das mulheres dos séculos XX e XXI. Ouvimos os relatos da avó paterna, da mãe e de Eliete, criança, moça e madura. Há uma descrição geográfica emocional das coisas e das pessoas. Há também uma geografia política, que descreve as mudanças sofridas em Portugal, notadamente em Cascais, além das modificações no interior do pensamento e da ação das mulheres, como sujeitos desejantes e não somente objetos. A Geografia pode ser lida como um espaço da memória.

No século XXI, a ditadura sobre o corpo feminino se intensifica nas redes sociais e entre quatro paredes. A protagonista do livro tem que lutar para se emancipar. Seu país, Portugal, passou por uma ditadura, a mais longa da história da Europa Ocidental no século XX. Foi uma

---

<sup>1</sup> Aluna de Mestrado em Língua Portuguesa da FFLCH- USP

<sup>2</sup> *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert

<sup>3</sup> *Eliete, Parte I, A Vida Normal*, Dulce Maria Cardoso, Lisboa, Tinta da China, 2018, é a edição com a qual trabalho. No Brasil, o livro foi publicado pela Editora Todavia, em julho 2022

sociedade rural, conservadora, católica, para, nos anos 80, entrar na CEE, hoje União Europeia, iniciando um processo de desenvolvimento econômico, garantindo o enriquecimento das grandes corporações e o nivelamento dos trabalhadores. A geografia das coisas e das emoções, portanto, é usada para recuperar o passado, contando histórias, narrando e ganhando dimensão social, ampliando as experiências privadas, com as diversas vozes.

### Paisagens identitárias, geografia das coisas e emoções - memória e história

A geografia das coisas e das emoções nos permite ver a lógica interna da narrativa, além da natureza espacial da forma literária. As relações femininas e as dificuldades de comunicação, que aparecem entre a narradora, sua mãe, sua avó e suas filhas, são costuradas com a descrição do espaço da cidade desde o primeiro até o último capítulo. A Geografia é usada como espaço da memória. Há uma ficcionalização da geografia, onde se movimentam as personagens. Cascais é o lugar onde se desenvolve a maior parte da história:

No parque de estacionamento, protegi-me da luz de sol de junho, fixando os olhos nas ervas que nasciam entre as frinchas do cimento. Olhando para o enorme edifício do hospital, a mamã disse com orgulho, Ficou uma coisa digna de se ver, andaram anos para o construir, mas está um hospital como os melhores do estrangeiro, muito melhor do que os de Lisboa. Para a mamã o estrangeiro continuava a ser um único e longínquo país onde tudo era melhor, e Lisboa, a menos de trinta quilômetros de Cascais, era a vizinha rival, a capital decadente onde nada prestava. Mas o que mamã gostava mesmo de recordar com nostalgia era o hospital velho, o hospital onde eu nasci, no centro de Cascais [...] (p.29).

Aqui, a narradora faz uma ironia com a mãe dizendo que é ela quem gosta de recordar. A narradora descreve as mudanças da cidade com a chegada de modernos prédios e depois mostrará as casas dos turistas que modificaram a antiga vila. Há também descrições da antiga Avenida Ultramar, agora com nome de Engenheiro Adelino Amaro da Costa, o antigo bairro Jota Pimenta, agora Avenida das Comunidades Europeias, o antigo hábito das janelas fechadas por causa da Pide<sup>4</sup>, que perdura, por causa dos vizinhos delatores nos tempos da ditadura.

[...] A primeira confusão terá sido essa, fazer de uma quinta-feira um domingo. Depois esqueceu-se de tirar a camisa de noite, ou talvez não tenha sido esquecimento, talvez a avó estivesse cansada dos mortos que a trouxeram a vida inteira de luto. Caminhou trôpega até a paragem do autocarro. Os sapatos de ir à missa aos domingos são mais bonitos, mas é o diacho andar com eles, costumava dizer a avó. Nenhum vizinho a terá interpelado, já não a conheciam, os antigos vizinhos morreram ou foram postos em lares pelos filhos, os mesmos que herdaram as casas e as venderam por bom preço. Ou talvez ninguém se tivesse cruzado com a avó, os novos vizinhos acordavam cedo para fazer jogging com roupas fluorescentes e auriculares nos ouvidos[...] (p. 93).

---

<sup>4</sup> PIDE: Polícia Internacional e de Defesa do Estado foi a polícia portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político do Estado Novo. Foi extinta após a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974 (Wikipedia).

Eliete lembra que a avó saiu de camisa de noite, sapatos de ir à missa, numa quinta-feira e nenhum vizinho a interpelou. “Pode ser que ela estivesse cansada dos mortos e se rebelou. Ninguém a conhece mais, nem a vê passando de camisola e sapato social, preocupados com seu *jogging*. Nem o motorista de ônibus” (p. 93). Invisibilidade de todas. A mãe de Eliete ainda pensa no exterior como algo distante e melhor, como na época da ditadura, em que Portugal se isolou no seu passado arcaico e tradicional. A neta Márcia, jovem do século XXI, em contraste, está neste momento estudando na Itália (p. 43). Eliete, depois de empreender como guia turístico, passa a ser corretora de imóveis, ambas funções que possibilitam visualizar essas mudanças geográficas na descrição de Cascais.

As pessoas estão numa sociedade moderna, com prédios novos, mas não se vêem, não enxergam o outro e vivem olhando apenas para a tela dos celulares. É a descrição da geografia das coisas e das emoções equiparando-as à solidão, incomunicabilidade, fragmentação e invisibilidade das pessoas na sociedade contemporânea. O relato de Eliete sobre a cidade, seus habitantes e trabalhadores nos leva a pensar na questão surgida entre os anos 70/80, na Europa, quando a classe trabalhadora perdeu seu potencial revolucionário, ao ter início o programa neoliberal e momento em que os trabalhadores passaram a aderir ao desejo de consumo da classe média. Ambas as classes se tornaram uma maioria silenciada pelo poder hegemônico do mercado. Eliete e as demais mulheres podem também ser lidas como personagens fictícias inspiradas em figuras reais, num mundo conflituoso, contraditório e circular, como o de Portugal e, também, o do Brasil contemporâneo. Mais ainda, são as identidades fragmentadas no mundo contemporâneo globalizado.

As ferramentas analíticas do espaço denotam uma preocupação em apresentar as mudanças, com ênfase no solo histórico e concreto de Portugal, que viveu uma longa ditadura no século XX, até 1974, e depois entrou na Comunidade Europeia, passando a viver a ditadura econômica do mercado, com a fragmentação e incomunicabilidade das pessoas, além do apagamento e esquecimento dos mais velhos e de suas experiências.

No último capítulo, a narrativa volta ao dia do temporal, tal como mencionado no início do livro: “Quando telefonaram do hospital por causa da avó, faltavam mais de cinco meses para a noite do temporal, mas sinto que foi nesse momento que o Salazar começou a insinuar-se na minha vida” (p. 11). Eliete segue narrando a recordação de que nesse dia do temporal encontrou a avó, sentada na cama, com uma caixa no colo e seu conteúdo espalhado sobre a cama. Eram “pedaços da vida avó, a caixinha dos meus dentes de leite, a fotografia de passe do papá na instrução primária, uma renda preta [...] postais que o Sr. Pereira lhe escrevera nas suas voltas

ao mundo, objetos que demonstravam como são inesperados os pedaços de que cada vida se faz” (p. 278).

Com esses objetos que falam do passado (coisas/objetos de memória), a narradora conta que pela primeira vez sua avó se despediu sem dizer as palavras-amuleto: “Fica com Deus. Eu ficaria desprotegida, a partir dali estaria no mundo por minha conta e risco” (p. 278).

E segue: “[...] Demorei a afastar-me, na esperança de que a avó regressasse do nenhures onde estava, para se despedir de mim como sempre o fizera. Em vez disso, a avó disse, Cuida do Sagrado Coração. Cuido do quê?, perguntei, mas a avó não disse nem mais uma palavra” (p. 279)

Eliete saiu abalada do lar de idosos, onde deixou a avó, e seguiu para a casa onde essa morou, para um encontro amoroso com Duarte. Descreve as mudanças no local e na pessoa da vizinha:

[...] reparei em como destoava a figura de camponesa modesta de D. Maria do Céu perto das novas moradias dos alarmes digitais, como destoava a casa dela e a da avó na rua onde tinham começado a construir mais um prédio, o povoado aguentara-se sem grandes alterações durante séculos e agora tornara-se irreconhecível (p. 280).

As transformações na cidade e nas casas acompanham as mudanças na narradora, durante o lapso narrado de cinco meses, em busca de sua identidade, de sua sexualidade e nas reflexões sobre o casamento, a maternidade e os relacionamentos. Ela fizera anteriormente menção à reforma da casa, pensando na sua mudança como mulher e mãe.

Suas recordações causam-lhe emoções, trazendo medo e tristeza. Eliete envia mensagens para Duarte, filho da proprietária do lar de idosos e agora seu amante, que se põe a caminho e lhe telefona. Ela interrompe a conversa e vai até o quarto da avó, onde pega no Sagrado Coração e então percebe que o objeto era composto por duas peças. Desenrosca a base e vê que o corpo do Sagrado Coração de Jesus era oco, de onde cai “um papel dobrado como se fosse uma carta” (p. 283).

Abriu a carta e a leu: tinha sido escrita em

Forte de Santo António, em 7 de agosto de 1968 <sup>5</sup>  
Amado e estimado filho,

....

Ao leres esta carta, já não viverei neste acanhado mundo, mas ter-te-ei deixado o sangue e sobretudo o espírito que transmitirá a sucessivas gerações o meu olhar, o meu sentir, as minhas palavras. De outros, que amo, os herdei. A ti, que te amo, os entrego, (duas palavras ilegíveis) amado.  
Do teu pai,

---

<sup>5</sup> Forte de Santo António da Barra, construído em 1590 por Filipe II, de Espanha, na freguesia de Estoril, concelho de Cascais, Distrito de Lisboa. Neste local ficava a residência de férias de António de Oliveira Salazar, ditador de Portugal, de 1933 a 1970, ano em que ele faleceu. No fim de sua vida, Salazar descansava neste forte à beira-mar, onde recebia uma roda diminuta de amigos e tinha uma vida amorosa secreta, in MENESES, Filipe Ribeiro, *Salazar, Biografia Definitiva*, Leya, 2011, p. 14.

Essa carta de Salazar é ficcional, construída com palavras retiradas dos discursos dele, publicados e pesquisados pela autora<sup>6</sup>. São textos históricos usados na narrativa ficcional, na qual a protagonista entra no processo de busca de sua identidade e sexualidade e descobre, por meios aleatórios e inesperados, que ela era neta de Salazar. O desenlace permite a constatação de que os portugueses são herdeiros do salazarismo, com seus valores conservadores e autoritários que passam e perduram pelas gerações, com poucas mudanças e conquistas na maneira de ver e ser no mundo, isto é, sem muita alteração do *status quo*.

No cenário central da fabulação, podemos acompanhar a descrição dos papéis reservados às mulheres, no mundo doméstico, enclausurado, assumindo, com a protagonista, a busca do lugar social da mulher e um possível ato de resistência à ordem opressora patriarcal. *Eliete, A Vida Normal*, Parte I, é uma história sobre histórias costuradas por objetos e emoções, isto é, pelas memórias de mulheres, entrelaçadas e cheias de nós, alguns deles desvelados nesta pequena análise.

Ao terminar a leitura da missiva, ouvimos o monólogo: “Não te vais apagar agora, pois não, Eliete?”

Longo espaço em branco

“Fim da primeira parte” (p. 285).

Portugal é considerado um enigma paradoxal, pois é um país periférico, um dos menos desenvolvidos no continente, mas, por outro lado é capaz de muito utopia, em um misto de fantasia e de busca da sociedade ideal, desde o sebastianismo à Revolução dos Cravos, a tal ponto que “seria uma grande potência numa Europa dos desejos” (SANTOS, 2001).

Eliete se conhece pouco e está em busca de sua identidade feminina portuguesa, e na sua descoberta pelo mundo digital descreve-se como uma mulher liberada exótica ou erótica. Apesar das conquistas femininas que tiveram início nos anos 60 (antes do seu nascimento) e, em Portugal, especificamente, a partir de 74, ela tem introjetado por sua mãe, avó paterna, amigas e colegas, na sua mente, valores patriarcais vigentes na sociedade.

Conhece-se pouco Portugal, ainda que se saiba que o país tenha se libertado da ditadura salazarista com a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, ingressado na Comunidade Europeia em 1986, a partir de quando passou a se modernizar, recebendo investimentos estrangeiros em suas aldeias e cidades, modificadas nas construções, com a chegada de turistas e novos moradores. Eliete pode ser lida como uma metáfora de seu país, quando se descreve e

---

<sup>6</sup> <https://www.oliveirasalazar.org/discursosEscritos.asp>

se analisa na sua narrativa em primeira pessoa e vai se apresentando ao longo de um monólogo interior, trazendo memórias do passado, contando o presente e refletindo sobre seu futuro.

A busca da identidade feminina portuguesa é vivida pela protagonista durante toda a narrativa, na qual aparece sua conexão pelas redes digitais, desde o Whatsapp, o Facebook e o Skype, até com a rede de relacionamento Tinder, mas ao mesmo tempo, Eliete permanece na sua incomunicabilidade e não consegue se identificar nem se conectar com o espírito de ninguém.

Eliete chorava, sem que ninguém perguntasse o motivo, dada a emotividade do dia, e ela entrava numa “aflitiva consciência de si” (p. 156), sem conseguir fazer parte da festa coletiva (p. 158). A solidão volta com tudo: “Senti-me só, desumanamente só, objetivamente só” (p. 159). Eliete começa a indagar sobre seu desejo, sobre o não saber o que queria conseguir e fantasia transformar-se em outra mulher, através da relação amorosa com outro homem, que a retire da sua vida medíocre/normal. Pensa que não quer “a balbúrdia da festa lá fora nem o sossego da solidão ali dentro. Chega à conclusão de que quer ser amada, quer uma tempestade, quer ser o olho do furacão [...] não quer estar a banhos no vaivém monótono de dias e marés” (p. 161).

A protagonista deixa clara a ambivalência de seus desejos ao descrever sua solidão por dentro e o receio de ir para fora. Há uma profusão de ideias sem sentido, desconexas com a realidade, durante o momento em que está sentada à mesa da sala de jantar, na noite do jogo da final do Campeonato Europeu de Futebol, enquanto os demais dormem.

De repente, Eliete recebe uma mensagem do Tinder, no qual se inscrevera com um perfil de Mónica, em catálogo de homens, e nesse estado de solidão surgiu um primeiro *match*: “Já não estava só” (p. 163). Tem então início o jogo de “prazeres” da rede social. Ela passa quase a um movimento contra fóbico, isto é, faz lançamentos sem filtros na rede que fará o *match*, o encontro com homens cadastrados, a depender dos algoritmos.

A partir do capítulo seis, Eliete começa um processo com o perfil falso de Mónica, construído no Tinder, e vai se enveredar por relacionamentos superficiais com homens desconhecidos na busca de diminuir a falta/solidão e o desejo de ser amada. Em razão de sua carência e angústia, ela sofre transformações individuais e coletivas. Na narrativa ficcional pode-se detectar, em paralelo, que a realidade social é a criadora da subjetividade, pois, segundo a psicanálise freudiana, o sujeito está inserido no mundo pelas práticas discursivas do universo ao qual pertence (FREUD: 2011, 214-221). Essa inserção está bem marcada e descrita no romance que conta a vida normal de Eliete. Não se pode esquecer aqui que os afetos descritos pela protagonista ajudam na construção realista crítica da narrativa feminina.

Em outra passagem, ainda no capítulo seis, Eliete descreve seu silenciamento e incomunicabilidade na família, que usa em demasia as redes sociais:

Quando estávamos juntos, passara a ser habitual que as miúdas e o Jorge consultassem o telemóvel, a Internet, o Facebook, o Instagram, que trocassem mensagens enquanto eu estava a falar com eles. A repetida pergunta que lhe fazia no início, Quem é? Teve a maior parte das vezes como resposta, Não conheces, ou expressões de contrariedade que me avisavam de que estava a invadir lhes a privacidade. Acabei por me calar, e a nossa vivência familiar passou a incluir os fantasmas a que cada um deles tinha acesso e com quem muitas vezes pareciam dar-se melhor ou entreter-se melhor do que comigo (p. 171).

Ao repensar Portugal, o crítico Eduardo Lourenço fala da “descentragem permanente” dos portugueses da sua realidade, em diferentes épocas e de diferentes formas, e aponta o “fosso tecnológico que se abriu e cavou entre Portugal e a Europa da primeira e segunda revoluções industriais”. E ele se indaga, criticamente:

De onde procede tão calamitoso comportamento que não é apenas intelectual mas ético? Sem dúvida do divórcio profundo entre a minoria “cultivada”, que vive em estado de guerrilha perpétua e só pode exceder a sua vontade de poderio com o recurso dessa efracção em fractura da produção portuguesa sem distância para se poder impor como interessante, e a massa anónima do povo português que não participa nesse debate. Depois do 25 de Abril, a possibilidade de participação dessas duas metades desiguais adquiriu um grau maior de verossimilhança, mas sob formas equívocas na sua grande maioria. Não é o povo que partilha agora melhor e com outro fervor da nova produção cultural, mas a franja escolarizada dele que já existia no antigo regime. De novo, aparece uma atenção de outro tipo que visa o povo, que conta inclusive com a sua hipotética colaboração, mas que durante muito tempo só poderá ser participação passiva, e não autodescoberta, quer dizer, autognose (LOURENÇO: 2022,78).

## Conclusão

A Geografia possibilita a representação do mundo fundada no espaço, permitindo a classificação e organização de objetos. A Geografia pode ser lida como um espaço da memória e essa leitura, com esse traço perquisitivo, nos oferece uma outra possibilidade de ler os fenômenos culturais.

A construção da obra *Eliete, A Vida Normal*, conciliou a habilidade narrativa da autora com o repertório político europeu, da globalização, somados às contradições do capitalismo, em que a luta feminina, a busca da emancipação e do lugar social das mulheres surgem em diálogos, pensamentos e nas passagens indiretas, que podem dar um tom próximo ao da nossa realidade e, portanto, quase parece um texto não ficcional e universal. O livro nos ajuda na compreensão das mudanças culturais e políticas de Portugal, em especial e, também, do mundo ocidental.

Nesta obra preponderou a narrativa sobre a descrição e os diálogos inseridos no interior da narrativa de rememoração dão o tom do registro de modernidade desta ficção (LUKACS:

2000), o que pode até ser chamado de um “realismo crítico”. No mapeamento da obra e no garimpo das cenas descritas, encontramos personagens em conflito, incomunicáveis, assim como identificamos estratégias literárias diferentes na representação das personagens (BAKHTIN: 1998), somadas às mudanças físicas da cidade e políticas do país.

A justaposição de tempos, espaços e ideias contraditórias aponta para a constituição de uma sociedade patriarcal e conservadora em Portugal, nos séculos XX e XXI, além da existência de uma luta interna, pessoal e coletiva, para a transformação e compreensão das subjetividades dos integrantes dessa sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luísa, e MACEDO, Ana Gabriela (org.), *Dicionário da Crítica Feminista*, Edições Afrontamentos, Portugal, 2005.

AUERBACH, Erich, *Mimesis*, Coleção Estudos, Editora Perspectiva, SP, 2011.

-----*Ensaio de Literatura Ocidental*, Editora 34, SP, 2012.

BAKHTIN, Mikhail, *Questões de Literatura e de Estética, A Teoria do Romance*, Editora Unesp/Hucitec, SP, 1988.

BEAUVOIR, Simone de, *Le deuxième sexe*, I e II, Éditions Gallimard, France, 1976.

BENJAMIN, Walter, *Obras Escolhidas I, Magia e Técnica, Arte e Política*, Brasiliense, SP, 2012.

BRIDI, Marlise Vaz, *A Sugestão Metafórica em José Cardoso Pires*, Vermelho Universitário, RJ, 2012.

CANDIDO, Antonio e outros, *A Personagem de Ficção*, Perspectiva, SP, 2011.

FARRA, Maria Lúcia, Dal, *O Narrador Ensimesmado*, Editora Ática, SP. 1978.

FRIEDMAN, Norman, *Point of View in Fiction: The Development of a Critical Concept* (internet) On line: <http://www.jstor.org/stable/459894>. Acesso em 11.6.2023.

JAMESON, Fredric, *The Antinomies of Realism*, Verso, London, 2013.

KEHL, Maria Rita, *Deslocamentos do feminino, a mulher freudiana na passagem para a modernidade*, Boitempo, SP, 2016.

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, Gradiva, Lisboa, 2022.

LUKÁCS, G., *Introdução a uma estética marxista*, Civilização Brasileira, RJ, 1978, p. 173.

-----*A teoria do romance*, Editora 34, SP, 2000.

MENESES, Filipe Ribeiro, *Salazar, Biografia Definitiva*, Leya, SP, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa, *O Estado e a Sociedade em Portugal*. Portugal: Ensaio contra o auto-flagelo, SP, Cortez, 2011.

-----*Pela Mão de Alice, O social e o político na pós-modernidade*, Cortez Editora, 8ª edição, SP, 2001

SAID, Edward, *Cultura e Imperialismo*, Companhia de Bolso, SP, 2017.

-----, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, Companhia das Letras, SP, 1990.